

FUTEBOL E RELIGIÃO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O FUTEBOL PROFISSIONAL E AS MANIFESTAÇÕES DE RELIGIOSIDADE NO SPORT CLUB SÃO PAULO

Leonardo Costa da Cunha

RESUMO

O presente estudo tratará da relação existente entre o futebol profissional e a religião, compreendendo, através de uma pesquisa etnográfica, quando, como e de que maneira acontecem as manifestações religiosas e os significados dessas no contexto futebolístico. O estudo está sendo desenvolvido junto ao Sport Club São Paulo, clube de futebol profissional da cidade do Rio Grande/RS, Brasil. A inserção nos bastidores do clube, ou seja, a participação junto com os jogadores e comissão técnica, antes, durante e depois de uma partida, facilitará o entendimento da relação entre as simbologias religiosas e o esporte de alto rendimento.

Palavras-chave: Futebol. Religião. Etnografia.

RESUMEN

El presente estudio objetiva comprender la relación existente entre el fútbol profesional y la religión, percibiendo, a través de una investigación etnográfica, cuando, como y de que manera suceden las manifestaciones religiosas y los significados de esas en el contexto futbolístico. El estudio está siendo desarrollado junto al Sport Club São Paulo, Club de fútbol profesional de la ciudad de Rio Grande/RS, Brasil. La inserción en los corredores del club, o sea, la participación junto con los jugadores y la comisión técnica, antes, durante y después de una partida, posibilita el entendimiento de la relación entre las simbologías religiosas y el deporte de alto rendimiento.

Palabras claves: Fútbol. Religión. Etnografía.

ABSTRACT

This study discusses the relationship between professional football and religion, including through an ethnographic research, where, how and the way of occurs the religious events and it meanings in the soccer context. The study is being developed in the Sport Club São Paulo, professional soccer club from the city of Rio Grande / RS, Brazil. The insertion in the club, or the involvement with players and technical committee before, during and after a game, will facilitate the understanding of the relationship between religious symbols and high-performance sport.

Keywords: Soccer. Religion. Ethnography.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tratará da relação existente entre o futebol profissional e a religião, compreendendo, através de uma pesquisa etnográfica, os significados das manifestações de fé que fazem parte do contexto futebolístico. O estudo tem como foco

o clube de futebol profissional Sport Club São Paulo, da cidade do Rio Grande/RS, Brasil.

Nessa perspectiva, entendendo como uma das principais características do esporte moderno a secularização, urge a curiosidade e a necessidade de compreender a importância e os significados religiosos dentro do contexto esportivo. Sendo assim, mesmo sendo uma prática não mais vinculada a cerimônias e festividades religiosas – o que caracterizava a prática de esportes em outros períodos históricos – as manifestações e simbologias religiosas ainda resistem, mesmo que de maneira diferenciada, dentro da cultura esportiva.

Esses dois aspectos de nossa sociedade – futebol e religião – estão tão presentes na cultura brasileira que Jesus (1997), discorrendo sobre a geografia do futebol no Brasil descreve que “em cada pequena aglomeração humana, mesmo nas mais desabitadas regiões, há dois objetos na paisagem a caracterizar o nosso *ecúmeno*: uma pequena igreja e um campinho de futebol” (p. 189).

O que se conhece do futebol profissional ou o que a torcida vê ou ainda o que a mídia nos mostra é simplesmente o esporte espetáculo, mercadológico, que serve como produto a ser consumido pelos seus espectadores, o jogo, as camisetas, as bandeiras, a TV a Cabo para assistir seu time etc. Contudo, os atores que fazem o futebol acontecer – nesse caso os jogadores – não são meras mercadorias – embora o sistema considere-os assim – da qual pagamos para nos dar vitórias e alegrias, eles são sujeitos que possuem uma relação para além das quatro linhas.

Sendo assim, o estudo também se justifica pelo fato de poder mostrar algo que não está aos olhos nem da torcida, nem da imprensa e por vezes nem da própria diretoria do clube, que é o que se passa antes e após uma partida de futebol fora dos gramados, ou seja, dentro do vestiário de um time de futebol.

O futebol acaba sendo reduzido a prática do jogo, pois isso é o que até então interessa, para a mídia e para a torcida, contudo, as relações internas, brigas, discussões, crises, abraços, comemorações, sorrisos e orações não são até então percebidos pelas pessoas que não estão envolvidas nesse processo. Logo, o ambiente interno de um time de futebol torna-se um mundo à parte, ainda não desbravado e desconhecido até mesmo para os mais apaixonados torcedores.

Meu interesse em estudar tal tema, além de estar muito relacionado ao que expus anteriormente, se deve também ao fato de já ter tido a oportunidade de ser jogador de futebol amador, do qual esse contexto também possui certa relação com manifestações religiosas entre outras vivências internas, logo, surgiu a curiosidade de estudar o que acontece dentro de um vestiário de um clube profissional de futebol.

Portanto, tento através desse estudo demonstrar que o futebol está para além da prática do jogo, da performance, e da visão fisiológica e biomecânica do esporte, mas que ele é permeado por outras tantos aspectos sócio-culturais que o constituem como um fenômeno mundial.

Sendo assim, entende-se que o futebol brasileiro está marcado por elementos religiosos, e essa prática esportiva parece viver acompanhada de uma dependência do sagrado. Logo, fica a tentativa de compreender quais os significados atribuídos pelos atores do Sport Club São Paulo às manifestações religiosas enquanto participantes do futebol profissional.

1- ESPORTE E RELIGIÃO: A RELAÇÃO ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

1.1- O Esporte

Nos dias de hoje o esporte pode ser considerado como um dos maiores fenômenos culturais existentes no planeta, tamanho a abrangência de suas práticas pelas mais variadas sociedades. Contudo, o esporte que conhecemos hoje, o esporte mercadológico, competitivo, profissionalizante, cada vez mais especializado, midiático e excludente não é o esporte que se tinha em sua gênese. O esporte das sociedades mais primitivas, passando por grandes civilizações como a grega, a romana e a medieval, não possui, em sua grande maioria, as mesmas características do que se denomina esporte moderno.

A partir desse entendimento, urge a necessidade de discorrer sobre duas teorias formuladas por Thomas (1991) e apresentadas por Stigger (2005), as quais se dividem entre a idéia de continuidade e a de ruptura. A teoria da continuidade defende que o esporte originou-se nos tempos mais remotos de nossa civilização. Já a teoria da ruptura trabalha com a idéia de que o esporte que conhecemos hoje foi uma invenção, formulada na Inglaterra do século XVIII, motivada por uma transformação de outros acontecimentos sociais, como a modernização e industrialização decorrentes da Revolução Industrial.

Na tentativa de diferenciar o esporte moderno de outros acontecimentos esportivos de civilizações pregressas, Stigger (2005), descreve com base em Guttmann (1978), sete categorias que caracterizariam o esporte moderno. Tais categorias são: secularização, igualdade, especialização, racionalização, burocracia, quantificação e o recorde. Mesmo sendo identificadas diferenças entre o esporte moderno e outras práticas corporais anteriores as realizadas na Inglaterra do século XVIII, Guttmann não considera tais diferenças suficientes para não considerá-las e caracterizá-las como esporte.

Numa corrente contrária a de Guttmann, Stigger (2005) cita Chartier (1994), que critica a idéia de continuidade. Segundo ele há uma ruptura entre o esporte que hoje se pratica em todo o mundo e as atividades corporais anteriores a esse. O autor sustenta sua tese considerando alguns aspectos que caracterizariam de forma única o esporte atual, tais como a constituição de regras universais, “assim como a existência de todo um corpo de legisladores encarregados da criação e efetivação de regulamentos que permitem as trocas esportivas para além do âmbito local” (STIGGER, 2005, p. 18).

Nesta perspectiva um aspecto de grande relevância para a pesquisa que está sendo desenvolvida, também levantada por Chartier (1994), é a secularização, ou seja, o fato de que o esporte moderno, diferente das atividades pregressas a esse, não está vinculado a rituais festivos ou religiosos, sendo assim, o esporte moderno acaba adquirindo uma autonomia, proporcionando-lhe espaços e tempos próprios de realização.

Considero o esporte uma tradição inventada, como defende Hobsbawm (1984), através de mudanças ocorridas nos segmentos econômicos, políticos e sociais da Inglaterra do século XVIII e que ecumenizou o mundo a partir do final do século XIX e início do XX. Nessa perspectiva urge a necessidade de uma sociedade mais civilizada, sendo o esporte moderno moldado por um aumento de sensibilidade em relação a violência. Há assim a necessidade de uma mudança de conduta e de sensibilidade da sociedade em geral, que refletem também nos passatempos populares, torna-os menos violentos e passando a ser regulados por regras que controlam essa violência, dando um impulso ao seu caráter civilizador.

Volto-me agora para uma das sete características sustentadas por Guttmann (1978), para diferenciar o esporte moderno de outras práticas anteriores: a secularização do esporte. Mas, o que significa uma prática ser secularizada?

O esporte moderno é uma prática secular por está desvinculada de cerimônias ou festividades ligadas a religiosidade, ao contrário do que caracterizava muitas das atividades corporais de outros períodos históricos. No entanto, a religiosidade ainda faz parte de nossa sociedade e a fé, e até mesmo superstições, estão presentes nas mais variadas formas e de diferentes maneiras nos sujeitos.

O esporte, assim como a religião, é um poderoso fenômeno social e mesmo que o esporte tenha se tornado secularizado, ele de certa forma não se desvinculou por total da religião. Isso não quer dizer que as práticas competitivas ainda dependam de festividades ou cerimônias religiosas para acontecer, mas o que estou descrevendo é que a religião ainda faz parte do esporte através das pessoas que constituem o universo esportivo.

Voltando as atenções para o futebol, foco do estudo, verifica-se que as manifestações de fé vinculadas a religiosidade estão presentes no ambiente futebolístico e fazem parte da preparação para o jogo, para o espetáculo. Tais manifestações acontecem nas mais variadas formas (orações, expressões corporais, falas, tatuagens, adoração a imagens de santo etc.) e nos mais distintos indivíduos (jogadores, diretoria, comissão técnica e torcedores). Sendo assim, a religião de certa forma ainda está presente nas práticas esportivas, não mais como o cerne do acontecimento, mas como um aspecto cultural que faz parte do espetáculo chamado futebol.

1.1.1- A Secularização:

Para definir o que significa algo secular o Dicionário de Ciências Sociais (1987, p. 1102) nos diz que tal termo se refere ao mundano, a questões não religiosas, diferente do espiritual e do eclesiástico, ou seja, é algo que não está vinculado a fins e usos religiosos.

Entende-se então que o esporte moderno, por se caracterizar como uma prática secular passa a pertencer a um domínio profano. Contudo, o sagrado continua presente no âmbito futebolístico, não só nas suas manifestações religiosas propriamente ditas, como orações, fazer o sinal da cruz ou acender uma vela antes dos jogos, mas, apesar da cientificidade, da técnica e da racionalidade que envolve o esporte moderno, as representações sagradas acabam também, muitas vezes sendo formadas no imaginário popular, que acaba “endeusando” alguns atletas, que se tornam heróis após algum feito. Esses acabam sendo imortalizados e tornam-se praticamente seres míticos.

Outra questão que acaba vinculando o sagrado ao futebol é a tentativa de explicar uma derrota ou a má fase de um clube pela religiosidade. De acordo com Alvarenga (2008) e em muitos casos, vistos na mídia ou em conversas informais com torcedores, percebe-se que, quando um time está com um mal rendimento esportivo, os torcedores mais fanáticos atribuem muitas vezes tal fase à uma espécie de “urucubaca” (praga) por parte de algum opositor do que aos próprios atletas e comissão técnica.

Percebe-se que há um paradoxo entre o que é profano e o que é sagrado no futebol, e quiçá no esporte de modo geral. Além das questões explicitadas anteriormente, o futebol é permeado por discursos que, de certa forma, vinculam-no a uma prática sagrada. Algumas expressões caracterizam bem essa idéia, tais como: “o templo sagrado do futebol” (estádio), “o manto sagrado” (camiseta do clube), “os

monstros sagrados do futebol brasileiro” (grandes jogadores) e ainda “os deuses do futebol” (HELAL, 1990, p. 39).

Fica claro que o espaço futebolístico brasileiro é um ambiente extremamente fértil para o surgimento e relações com aspetos religiosos. Nessa linha de raciocínio, é importante perceber que apesar de o futebol moderno nunca ter sido um fenômeno totalmente religioso, ele passou a ter uma relação e uma proximidade muito grande com os cultos religiosos, através de suas falas, gestos, significados e símbolos.

1.2- A Religião

Discorrer sobre religião é uma tarefa árdua, na medida em que tal manifestação cultural se encontra em um grau de complexidade, variedade e subjetividade extrema. Diversos mitos, ritos, crenças e sincretismos constituem tal manifestação social, tornando seu estudo muito dificultoso. Contudo, tento discorrer sobre tal reflexão de forma geral, sem adentrar nos meandros dos quais constituem as religiões. Além disso, esse estudo não tem a pretensão de desmembrar alguma religião específica, mas sim relatar as manifestações de religiosidade entre o homem e o divino no contexto de um clube de futebol profissional.

O termo religião está geralmente relacionado ao verbo latino *religere*, que está vinculado ao cumprimento do dever, ao respeito, a poderes superiores e a uma profunda reflexão. Conceitualmente, de acordo com o minidicionário Houaiss (2004), religião significa a “crença na existência de uma força ou de forças sobrenaturais” (p. 635), já o Dicionário de Ciências Sociais (1987) diz que “religiões são sistemas de crença, prática e organização que conformam uma ética que se manifesta no comportamento de seus seguidores” (p. 1058). Sendo assim, fica claro que a religião está vinculada a um poder exterior e superior ao homem e que de certa forma regula ou controla suas ações perante a sociedade.

Apesar da religião não possuir mais o status social e a legitimidade a qual lhe era delegada antes da cientificidade moderna - tempo que era constituído, como nos descreve Alves (1992), por um ateísmo metodológico - ela ainda resiste, e como discorre o autor, sua presença é invisível, sutil, disfarçada, mas constitui o nosso cotidiano.

Por outro lado, a religião também pode ser bastante explícita, através das mais variadas manifestações e simbologias que permeiam tal fenômeno. Objetos, imagens, altares, velas, santuários, capelas, comidas, perfumes, amuletos, flores, etc.; e gestos como o silêncio, as orações, as adorações, as procissões, as canções, as mãos ao alto ou unidas, os olhos apertados e os joelhos ao chão, são algumas de tantas outras manifestações que expressam a religiosidade, a fé e a comunicação com algum ser supremo.

Contudo, cabe aqui citar Alves (1992) que descreve:

Nenhum fato, coisa ou gesto, entretanto, é encontrado já com as marcas do sagrado. O sagrado não é uma eficácia inerente às coisas. Ao contrário, coisas e gestos *se tornam* religiosos quando os homens os batizam como tais. A religião nasce com o poder que os homens têm de *dar nomes às coisas* [...] (p. 24).

Além das coisas materiais, Alves (1992) nos diz que o sagrado também se instaura graças ao poder do invisível. O invisível, o não palpável nos remete para além dos nossos sentidos comuns, dos quais somente os olhos da fé podem contemplar. Um copo d'água, algo visível e concreto, nada tem de religioso em princípio, mas ao colocá-lo num altar ou a ser abençoada por algum representante religioso a água passa a ter um nome – água benta, por exemplo – sendo assim, ela passa a ser considerada algo sagrado, um elo entre o mundo e o divino, pois ao lhe ser dado um nome ou uma significação, aos olhos da fé tal mineral passa a ter algum sentido, deixando de ser uma simples água. Nesse sentido, corroboro com Eliade (2001, p. 18) que diz que “para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica”.

Outros dois aspectos que caracterizam a religiosidade, além dos objetos e dos gestos são o espaço e o tempo. De acordo com o pensamento de Eliade (2001), para o homem religioso o espaço não é homogêneo, pois há um espaço sagrado, com significado e há também espaços não-sagrados. No espaço sagrado torna-se possível a comunicação com os deuses e para que aconteça essa comunicação é necessário um tempo.

Apesar de o esporte moderno ser uma prática secularizada desde o século XIX e a cientificidade que permeia o esporte explicar o porquê de vitórias ou derrotas, o porquê de um time estar correndo mais do que o outro, o porquê de uma tática ser mais eficiente do que a outra, entre tantos outros fatores, a religiosidade e os atos de fé ainda fazem parte do futebol, nos seus mais distintos atores.

O espetáculo futebolístico não é só feito de ciência, marketing, técnica, espetáculo e paixão, mas uma vinculação com a religião também é percebida por quem acompanha esse universo. Como nos descreve Alvarenga (2008, s/p), “orações, rezas de mãos dadas, o sinal da cruz, enfeites e fantasias que retratam o mais profundo sentimento de dependência do sagrado, fazem parte todos os finais de semana das rodadas dos grandes campeonatos no Brasil”.

Voltando-se para o meu estudo etnográfico, que está sendo realizado no Sport Club São Paulo, percebo uma relação muito forte entre o futebol e a religiosidade, pois se não bastasse as orações realizadas antes e após as partidas, há dentro do vestiário um altar com imagens de santos e outros objetos vinculados a religiosidade, como velas, copo com água, evangelho, e uma moringa¹.

Além disso, volto a discussão de Eliade (2001), quando esse discorre sobre o tempo e o espaço sagrado. Percebo então a importância que a religião ainda tem sobre o esporte, pois mesmo em um lugar profano há um pequeno espaço para o sagrado e mesmo estando os jogadores se preparando para uma prática profana, há o tempo reservado para o sagrado, esse fato pode ser observado no trecho do meu diário de campo:

Todos estão se cumprimentando, se abraçam, apertam as mãos, um dando muito apoio para o outro. São 20:25 e a roda para oração foi fechada, alguns estão abraçados enquanto outros estão de mãos dadas. Depois de algumas palavras do jogador A e do jogador B foi rezado um pai nosso, seguido por um grito de guerra ... (Diário de campo do dia 12/09/2008).

¹ Vaso de barro muito utilizado nas religiões afro-brasileiras. Tal vaso está pintado com as cores do clube, verde e vermelho.

Com esse relato observado no vestiário do Sport Club São Paulo mostra como a religião está presente no contexto futebolístico e, apesar dos jogadores e dos profissionais da comissão técnica possuírem diferentes crenças e religiões, a religiosidade está presente, de uma maneira ou de outra, seja através de uma oferenda (vela, copo com água, moedas ou flor no altar), seja com tatuagens, expressões corporais ou orações.

Assim, urge a necessidade de refletir sobre quais os significados atribuídos pelos atores do Sport Club São Paulo à religião, enquanto participantes do futebol profissional. Para compreender tal relação – futebol e religião –, se faz necessário pensar em que momentos os aspectos religiosos estão presentes? Como eles são vivenciados? De que maneira são expressados? Quem são os protagonistas dessas manifestações?

2- METODOLOGIA

Para entender os significados da religião no esporte de alto rendimento, no caso o futebol, esta sendo desenvolvida uma pesquisa etnográfica, caracterizando-se por uma pesquisa que descreve densamente (GEERTZ, 1989) um grupo social. Embora prazeroso, quando o objeto de estudo é algo que nos atrai, o fazer etnográfico pode vir a ser uma tarefa árdua, tamanha a complexidade cultural que se pode vir a encontrar no meio pesquisado, além da possível resistência dos atores estudados em informar, mostrar e deixar um estranho adentrar em seu cotidiano. Fora isso, o tempo necessário de dedicação nos trabalhos de campo é outro fator que dificulta a pesquisa.

Como nos descreve Geertz (1989, p. 15), “praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante”. Todo esse trabalho é necessário para que a descrição não se torne algo superficial, o que está aparente aos olhos de todos, mas como nos discorre Geertz (1989), embasado em Gilbert Ryle, é preciso fazer uma “descrição densa”. Para isso, parafraseando Stigger (2007), é necessário que o investigador desenvolva seu trabalho imerso na cultura estudada, pois assim é possível apreendê-la na sua complexidade, muitas vezes não explícita.

No que diz respeito ao modo de se fazer etnografia, Becker (1997), nos descreve que é preferível um modelo artesanal de ciência, em que cada pesquisador possa produzir suas próprias teorias e métodos necessários para o trabalho que está sendo realizado, do que prenderem-se de forma rígida a teorias, autores e métodos específicos. Logo, entende-se o trabalho etnográfico como um fazer único, pois além de cada momento observado e estudado ser ímpar (no seu tempo, nos seus atores e ações), a interpretação e a análise de cada pesquisador também se faz de forma diferente e única.

O fazer etnográfico não se caracteriza apenas em usar ferramentas/técnicas/instrumentos metodológicos. A etnografia “se caracteriza por ser um esforço intelectual para realizar uma *descrição densa*, que, em grande medida se vincula a alguns saberes especiais: saber estar, saber olhar, saber ouvir, saber escrever” (STIGGER, 2007, p. 48). Com esses saberes, “o etnógrafo ‘inscreve’ o discurso social: *ele o anota*” (GEERTZ, 1989, p. 29). Ao fazer tais anotações, o pesquisador transforma os atos em acontecimentos passados, através de relatos, dos quais ficam conservados para estudo.

A tradição investigativa da etnografia tinha por objetivo transformar o estranho em familiar, pois foi através de tal estudo que os povos europeus, começaram a “compreender os costumes *estranhos* das populações com quem passaram a ter

contatos, nas suas incursões por outras regiões do mundo” (STIGGER, 2007, p. 33). Porém, houve uma transformação nos estudos antropológicos, em que tais estudos se voltam para a própria sociedade. Nessa lógica, a pesquisa etnográfica não se resume mais em estudar o que se caracteriza como exótico para as sociedades urbanas e intelectuais, como tribos indígenas, selvagens africanos, povos primitivos da Oceania ou da Ásia, mas sim, como nos diz Da Matta (1978), em descobrir o que há de estranho ou exótico nas nossas próprias instituições, na nossa prática política e religiosa. É preciso então desvencilhar-se da armadura cultural que nos aprisiona para que possamos como pesquisadores tornar o que nos é familiar – ou o que nos parece familiar – em estranho.

Nessa perspectiva de entendimento etnográfico, tal estudo está sendo desenvolvido junto ao Sport Club São Paulo, antes, durante e após os jogos do referido clube, observando e descrevendo os acontecimentos dos bastidores de um clube de futebol profissional, através de seus jogadores e comissão técnica, focando-se na questão da religiosidade que permeia – ou ainda permeia – o futebol. Realizar um estudo de um fenômeno cultural em que, pelo menos no senso comum, quase todos se dizem entendidos – pelo nosso processo de socialização “naturalizada” com o futebol – parece ser incoerente, pois a priori, não haveria novidades para demonstrar. Contudo, como já citado anteriormente, é preciso enxergar o estranho no que nos é familiar. Assim sendo, pretendo, através de um estudo etnográfico, investigar as manifestações religiosas no contexto futebolístico.

Sendo assim, através da participação como jogador de futebol amador, disputando campeonatos municipais, verificando e vivenciando os processos que ocorrem dentro de um vestiário, surgiu a curiosidade de estudar a dinâmica de um vestiário de um time profissional e todo o “ritual” pelo qual passam os jogadores em um dia de jogo, de treinos, enfim, no seu cotidiano profissional. Além disso, o vestiário, desde o momento que antecede uma partida de futebol até a sua finalização é um ambiente inacessível a outros atores do contexto futebolístico, como torcedores e imprensa. Logo, o acesso a esse ambiente com uma visão de pesquisador pode decifrar outras simbologias e acontecimentos que não estão aos olhos do público em geral, da torcida e da mídia, tornando esse objeto tão familiar em algo estranho para quem não o vivencia *por dentro*².

Portanto, tal investigação segue a linha etnográfica, que é a de estudar a sua própria sociedade, analisando dois fenômenos culturais muito presentes em nosso cotidiano – religião e futebol – que por estarem tão fortemente inseridos em nosso dia-a-dia, parte-se de um pré-suposto que esses já fazem parte de nossa natureza e já estão entendidos em sua totalidade. Sendo assim, o estudo tentará demonstrar o que tem de estranho no que nos parece tão familiar.

As observações acontecem nos dias de jogos, com tempo de observação variando entre 3 e 4 horas. Começo a observar cerca de 2 horas antes da partida e termino cerca de 30 minutos após o encerramento do jogo, variando de acordo com os acontecimentos do jogo ou externos a ele.

Os relatos estão sendo registrados em diários de campo e através de registro fotográfico do ambiente (vestiário), futuramente pretendo enriquecer o estudo com entrevistas com os jogadores e outras pessoas vinculadas ao esporte. Além disso, é pretendido realizar registro áudio visual com a ação dos jogadores dentro do vestiário, mais precisamente no seu momento de oração.

² Termo usado por Magnani.

3- PRIMEIRAS INFORMAÇÕES DO CAMPO

Para discorrer sobre a história do Sport Club São Paulo se faz necessário resgatar brevemente a história do seu rival Sport Club Rio Grande. A cidade do Rio Grande é o município mais antigo do Estado do Rio Grande do Sul e por sua localização geográfica – cidade portuária – caracterizou-se pelo pioneirismo em diversos acontecimentos culturais, entre eles o futebol. No final do século XIX e começo do XX Rio Grande crescia com intensa atividade portuária e fabril. Através dessas atividades o município era constituído por muitos estrangeiros, principalmente alemães, franceses, ingleses e portugueses. Com essas influências, reproduzindo o que acontecia na Europa, foi fundado em 17 de julho de 1900 um clube de futebol denominado de Sport Club Rio Grande, sendo esse hoje o clube de futebol mais antigo do Brasil em atividade³.

O então time de futebol Sport Club Rio Grande, por volta de 1908, treinava nos pátios da “Compaigne Auxiliare de Chems de Fer Brésil”, uma companhia francesa que estava encarregada de implantar e administrar a malha ferroviária em Rio Grande e sua ligação com os outros municípios.

Em um dia de treino do Sport Club Rio Grande, o desaparecimento de uma bola mudou de vez a história do futebol riograndino.

Em um belo dia quatro rapazes chamados Adolpho Corrêa, José Sartori, José Bernardelli e Hermenegildo Bernardelli estavam sentados assistindo a novidade do football praticada pelos ingleses e alemães de Rio Grande. Em um dos momentos do treino a bola escapuliu e foi parar nas mãos dos rapazes que logo trataram de escondê-la e a deram por perdida. Como as bolas eram raríssimas pois vinham da Inglaterra a um preço muito alto, aquela era uma oportunidade de ouro para começar a praticar o esporte. Um dos rapazes, Adolpho Corrêa, de descendência portuguesa, foi entusiasta em fundar um clube popular de futebol que permitisse à vasta colônia portuguesa da cidade ter acesso ao esporte, pois era exclusivo dos alemães e ingleses que fundaram o Rio Grande. Pouco tempo depois os destemidos e caras-de-pau precursores do Leão do Parque solicitaram ao Rio Grande e a Compaigne Auxiliare de Chems de Fer Brésil que cedece um espaço pequeno para fundar na cidade um clube com raízes lusas.⁴

Tal solicitação foi atendida e foi cedido aos jovens uma área onde hoje se encontra o atual estádio Antônio Aldo Dapuzzo. Sendo assim, em 4 de outubro de 1908 foi fundado o Sport Club São Paulo que viria a ser, segundo o site oficial do clube e as manifestações do senso comum, o clube do povo, o de maior torcida e de maior expressão no futebol da Cidade do Rio Grande.

O São Paulo atualmente é identificado pelas cores verde e vermelho, tais cores foram extraídas da bandeira de Portugal, o que evidentemente faz alusão a imensa colônia portuguesa presente na cidade de Rio Grande. Em 16 de julho de 1909, foi

³ Informações obtidas no endereço eletrônico: <http://www.sportclubriogrande.com.br/>

⁴ Trecho retirado do site oficial do clube: <http://www.saopaulors.com.br>

aprovado o primeiro uniforme com as cores portuguesas: boné verde e vermelho camisa branca e calções pretos.

Ao contrário do que muitos pensam o nome São Paulo não tinha em princípio nenhuma motivação religiosa, apesar de um pouco mais tarde São Paulo ser escolhido o santo padroeiro do clube. A denominação se deu devido a Adolpho Corrêa que veio ainda pequeno de Portugal para a cidade de São Paulo e quando adulto veio para Rio Grande. O nome do clube foi uma homenagem à cidade onde Adolpho passara boa parte de sua vida e provavelmente tenha tomado contato com o futebol pela primeira vez.

Contudo, o santo São Paulo é hoje um símbolo de representação do clube, sendo tal ícone religioso representado através de uma imagem dentro do vestiário do time (figura 1), além de ser o Sport Club São Paulo representado por tal imagem em festividades religiosas, tais como a Procissão da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes e a missa campal comemorativa ao centenário do clube (figura 2).



Figura 1: Altar dos Santos



Figura 2: Missa do centenário

A relação do futebol com a religião vai além das festividades ou das imagens presentes no vestiário, que como se percebe pela figura 1, são representadas também por outras santidades religiosas além da do padroeiro do clube – São Paulo.

Num ambiente interno – o do vestiário – que antecede e sucede uma partida de futebol, não são somente chuteiras, calções, camisetas e táticas de jogo que constituem esse espaço, há uma série de simbologias e relações sociais que considero como um “ritual” futebolístico. Denomino como “ritual”, pois dentro de um vestiário há um conjunto de regras que são bem rígidas, já que existem momentos pré-determinados que se repetem jogo após jogo.

Os atletas têm sempre uma hora certa para pegarem o material de jogo na rouparia, geralmente uma hora e meia antes da partida. Na hora marcada os jogadores se dirigem até a rouparia, onde o roupeiro lhes dá uma caixa de madeira com o material do jogo (figura 3) – calção, meias, chuteiras, camisetas de aquecimento e toalha. Os jogadores têm 30 minutos para se fardar, após todos estarem fardados eles se posicionam sentados em forma de “U” (figura 4), e sempre ficam em silêncio absoluto enquanto o treinador se posiciona no centro dessa formação para começar a preleção. Essa palestra costuma durar em média 25 minutos e nela são explanadas vários assuntos, desde tática de jogo, comentários sobre as outras equipes e palavras de motivação.



Figura 3: Caixas do fardamento.



Figura 4: Preleção.

Após a preleção, os jogadores titulares se dirigem para o campo para fazerem o aquecimento que dura em média 30 minutos e que é elaborado pelo preparador físico. Os goleiros aquecem separadamente, devido a sua especificidade, junto com o preparador de goleiros, já os reservas costumam ficar batendo bola no campo. Ao retornarem os jogadores titulares trocam de camiseta e lhes é dada a de jogo, após trocarem de camiseta todos se reúnem em círculo (figura 5) – que começa e termina no altar dos santos – e após mais algumas palavras de incentivo, ora proferidas por um jogador, ora por outro, é realizada uma oração, precedida por um grito de guerra. Depois disso os jogadores e comissão técnica se cumprimentam, através de abraços e apertos de mão, por fim, eles ainda se reúnem no túnel de acesso ao campo dando nesse momento, um ou outro jogador, o último incentivo ao grupo, até adentrarem no gramado.



Figura 5: A oração.

No intervalo da partida os jogadores retornam para o vestiário, pegam um copo de suco, água, por vezes energéticos e sentam-se – dessa vez não mais nos bancos, mas a maioria senta no chão (figura 6) – e ficam em silêncio por cerca de 5 minutos, com raras exceções devido a alguma reclamação em relação a arbitragem ou a alguma cobrança entre os próprios jogadores, mas que logo se encerra e o silêncio prevalece. Após esse pequeno período, o treinador começa a explicação das possíveis falhas, acertos e comentários gerais do jogo, por vezes somada a palavras de incentivo. Feito isso os jogadores misturam palmas e palavras de motivação em voz alta, retornando para o segundo período da partida.



Figura 6: O intervalo do jogo.

Ao término da partida, o grupo tende, na maioria das vezes, a fazer novamente uma oração. Contudo, como relatado no diário de campo do dia 14 de setembro de 2008, tive a sensação de que a oração é realizada de maneira diferente.

É interessante que a oração feita antes do jogo é mais gritada e mais rápida, acho que por causa da adrenalina que antecede uma partida. A oração feita após o jogo é mais calma, não tão alta. (Diário de campo do dia 14/09/2008).

No entanto, tomando como base os outros acontecimentos ao longo do campeonato percebo que a maneira de realizar a oração está diretamente relacionada ao resultado ou a campanha da equipe na competição. Dentre as partidas em que acompanhei, duas não tiveram oração após o jogo, uma devido a uma briga generalizada, da qual muitos jogadores acabaram não retornando para o vestiário e outra devido a um empate inesperado, o qual deixou o grupo muito abatido – pelo menos foi essa minha percepção. Porém, após a primeira vitória na competição, justamente no dia do Centenário do clube, a oração pós jogo foi realizada também com muito afinco, assim como a do pré jogo. Nessa situação me questionei:

Será que a fé só anda de mãos dadas com os bons resultados? (Diário de campo do dia 28/09/2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das distintas manifestações religiosas – ora fervorosas e por vezes nulas – percebe-se que as manifestações religiosas fazem parte, sem dúvida nenhuma do contexto futebolístico. E mesmo elas sendo demonstradas com maior clareza quando tratada em todo o elenco de jogadores e da comissão técnica, é necessário relatar que manifestações de fé individuais também se fazem presente.

Alguns jogadores demonstram sua fé de forma mais perceptível, através de suas expressões corporais, como levantar os braços para o alto e fechando os olhos com força na hora da oração. Marcas na pele de tatuagens também demonstram a relação que cada jogador possui com a religiosidade, além disso, a oração individual no altar dos santos, antes e/ou após a oração coletiva é outra demonstração de fé bem característica dos jogadores que compõem o time do Sport Club São Paulo.

Portanto, percebe-se que a rotina é uma característica dentro de um clube de futebol profissional e que as manifestações de religiosidade, sejam elas coletivas ou individuais fazem parte dos acontecimentos esportivos e andam em paralelo com as táticas, a técnica e o preparo físico.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Leonardo Gonçalves de. Fut-Baal – A relação entre futebol e religião. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio12/fut-baal-2013-a-relacao-entre-futebol-e-religiao/>>. Acessado em 15/09/2008.

ALVES, Rubem A. *O que é Religião*. 15ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1992.

BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 3º edição, São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

DAMO, Arlei Sander. Senso de jogo. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/pdf/es103.pdf>>. Acessado em 15/09/2008.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter antropológico blues. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.) *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, p. 23 – 35.

_____. *Universo do futebol*, Rio de Janeiro: Pinakotek, 1982.

Dicionário de Ciências Sociais / Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação; Benedicto Silva, coordenação geral; Antonio Garcia de Miranda Netto.../et al./ - 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987. Xx, 1422 p.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIAS, Nobert. A Gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, Nobert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, Lda, 1992, p. 186-221.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, Koogan, 1989.

HELAL, Ronaldo. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

<http://www.saopaulors.com.br>, acessado em 16/09/2008.

<http://www.sportclubriogrande.com.br>, acessado em 16/09/2008.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Os esportes e a modernidade humana: o advento do futebol no Brasil. *Anais do V Encontro de história do Esporte, Lazer e Educação Física*. Maceió – Alagoas, 1997, p. 188-195.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v17, n. 49, jun, 2002.

Minidicionário Houaiss da língua portuguesa/ organizado pelo Instituto Abtônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: _____. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998, p. 17 - 35.

SILVEIRA, Raquel da. Etnografia: um fazer artesanal. In: _____. *Esporte, homossexualidade e amizade: um estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino*. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, 2008.

STIGGER, Marco Paulo. *Educação Física, esporte e diversidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

STIGGER, Marco Paulo. Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando; e SILVEIRA, Raquel da. *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 31 – 50.

VAZ, Alexandre Fernandez. DaMatta, o futebol como drama e mitologia. In: PRONI, Marcelo Weishaupt e LUCENA, Ricardo de Figueiredo (orgs.). *Esporte: história e sociedade*, Autores Associados, 2002.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 2004, p. 121-132.